

e gritar: poeta ao sul

FAUSTO CUNHA

É uma tradição aristotélica indagar a que geração pertence um poeta. Na verdade, tudo se devia passar como naquele paradoxo de Zênon de Eléia, em que a seta está imóvel: cada poeta ocupa no espaço um lugar igual a si próprio e assim é único no tempo. Mas o tempo não se compõe de instantes. Aristóteles recusa o silogismo. Milênios depois, no entanto, o argumento de Zênon repercutirá magicamente nos versos de um grande poeta, Paul Valéry. Este foi um dos mestres que a chamada geração de 45 redescobriu e valorizou. *O Cemitério Marinho* foi traduzido admiravelmente por Darcy Damasceno, um dos maiores poetas vivos do Brasil e marco avançado dessa geração.

Mas qual? Em 1949, eu mesmo já me encontrava em dificuldades para distinguir os *novos* dos então *novíssimos*. Absolutamente não me entendia com o pessoal de 45, uma geração que se afirmava a si própria atacando os *gagás* de 22 e de 30. Em meados da década de 50 surgia o movimento concreto, que encontraria ressonância no grupo do Suplemento Literário do JORNAL DO BRASIL e no de *Tendência*, em Minas. Assis Brasil designa essa geração como a de 1956. Será a mesma que Nelly Novaes Coelho batiza como *geração de 60* no seu livro *Carlos Nejar e a Geração de 60*¹. Pelos nomes que NNC cita e pelos movimentos que analisa, força é reconhecer que se trata da mesma geração, aquela que sucedeu e superou a de 45. Esta corre o risco de ser mais uma geração *bleu horizon*, marcada para o esquecimento, apesar de já figurar em antologias e histórias literárias, apesar de ter dado alguns poetas excelentes, de haver tido uma atuação fecunda no remanejamento das estruturas poéticas

1 Carlos Nejar e a Geração de 60, de Nelly Novaes Coelho, Edição Saraiva, São Paulo, 1971, 190 p., Cr\$ 15,00.

e na reformulação crítica de nossa literatura. Faltou-lhe um ideário estético? O livro de Nelly Novaes Coelho — um dos melhores críticos deste país, de sólida formação universitária — é um convite à discussão desses aspectos marginais, mas pertinentes e até mesmo prementes. Seu estudo crítico sobre a poesia de Carlos Nejar lança as bases do debate.

Quem é esse Carlos Nejar? Não chega a ser uma pergunta — *noigandres*.

Por venturosa coincidência, quase simultaneamente com o aparecimento do ensaio de Nelly Novaes Coelho foi lançado um novo livro de poemas de Carlos Nejar — *Canga (Jesusaldo Monte)*². Este volume, apresentado por Antônio Houaiss (que já havia apresentado *Danações* em 1969), não apenas confirma todas as qualidades apontadas por NNC, não somente as aprofunda, como também — e sobretudo — coloca o jovem poeta gaúcho Carlos Nejar (n. em 1939; estréia com *Sélesis* em 1960) na primeira linha da nova poesia brasileira, de que ele é incontestavelmente a maior revelação dos últimos anos.

Sua obra — *Livro de Silbion*, 1963; *Livro do Tempo*, 1965; *O Campeador e o Vento*, 1966; *Danações*, 1969; *Ordenações I e II*, 1969 — vem sendo construída com impressionante consciência de forma e conteúdo. Faz sua obra e publica, certo de que tem algo a comunicar. Isso exige a maior humildade e uma convicção interior. Não queima etapas. Não adere a *ondas*, embora sofra influências. *Canga*, seu melhor livro até agora, mostra-nos um extraordinário amadurecimento. Dos poetas novos é ele indubitavelmente o melhor, tem a melhor expressão, a maior densidade poética, a maior força. Não é um cabralista a mais; em certo sentido *Canga* já constitui um passo à frente no caminho que João Cabral de Melo Neto veio abrir. Liberto da poesia adjetiva, dos cansativos lugares-comuns de uma poesia supostamente artística, só se prende ainda a pequenos recursos encantatórios como a anáfora. Seu Jesusaldo Monte é um verso puro e másculo, sem discursos neocondoreiros, sem esquemas nem asquemáticas. Se lhe falta um projeto visual (a que não nego ser sensível), sobra-lhe o sentido do verso. Em 1969, com *Ordenações*, já se podia gritar: poeta ao Sul. Agora com esse *Canga*, vou mais longe que Antônio Houaiss: a nova poesia brasileira já sabe quem é seu nome mais importante.

2 *Canga (Jesusaldo Monte)*, de Carlos Nejar, Civilização Brasileira, Rio, 1971, 60 p., Cr\$ 10,00.